

OS RITMOS SOCIAIS E A VIDA COTIDIANA EM RONDONÓPOLIS, MT

Aline de Assis Portela¹
José Roberto Tarifa²

RESUMO: Esta comunicação apresenta parte dos resultados de uma dissertação de mestrado referente à análise dos ritmos vivenciados pelas pessoas e as práticas de produção urbana em Rondonópolis (MT). O estudo teve como suporte teórico a ritmanálise, que compreende uma noção de totalidade aberta e movente, relacionada à sociedade, natureza e espaço, que são na maioria das vezes tratados isoladamente. A base material foi obtida a partir dos resultados dos trabalhos de campo. O entendimento da totalidade que é a cidade de Rondonópolis foi feito a partir de uma análise qualitativa de conhecimento dos lugares, das práticas sócio espaciais e do cotidiano. Para tanto, utilizamos métodos de análise que consideram que a compreensão da realidade constituída tem como ponto de partida os conflitos e as contradições. Os resultados nos permitiram compreender os ritmos e a vida cotidiana da população ribeirinha e pobre afetada pelas transformações e relações de poder que se estabelecem no espaço urbano da cidade. Acreditamos ser este um dos caminhos possíveis para melhorar o entendimento dos processos que constroem e ao mesmo tempo destroem a vida e as relações sociais contidas nas cidades mercantis e capitalistas.

Palavras-chave: Ritmos Sociais; Cotidiano; Produção do Espaço Urbano.

THE SOCIAL RHYTHMS AND EVERYDAY LIFE IN RONDONÓPOLIS, MT

ABSTRACT: This paper presents part of the results of a master's thesis about the analysis of the rhythms experienced by the people and the practices of urban production in Rondonópolis (MT). The study had as theoretical support the rythmanalysis, which comprises a notion of totality open and moving, related to society, nature and space, which are most often treated separately. The material basis was obtained from the results of the field work. The understanding of the totality that is the city of Rondonópolis was made from a qualitative analysis of knowledge of places, socio-spatial practices and daily life. For that, we use methods of analysis that consider that the understanding of the constituted reality has as its starting point the conflicts and the contradictions. The results allowed us to understand the rhythms and daily life of the poor and riverine population affected by the transformations and power relations that are established in the urban space of the city. We believe that this is one of the possible ways to improve the understanding of the processes that build and at the same time destroy the life and social relations contained in the mercantile and capitalist cities.

Keywords: Social Rhythms; Quotidian; Production of Urban Space.

¹Mestranda da Pós Graduação em Geografia da UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis, alineportela.geo@gmail.com.

²Prof. Dr. Associado IV, Laboratório de Climatologia (Labclima) Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Rondonópolis, jrtarifa@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo interpretar, a partir da integração da investigação metodológica e os princípios da realidade vivenciada pelos indivíduos, as práticas de produção urbana do (no) contexto específico da cidade de Rondonópolis- MT.

O estudo teve como suporte teórico a ritmanálise¹, que compreende uma noção de totalidade aberta e movente (totalidade relacionada à sociedade-natureza-espço) e da implicação do trabalho de campo (obtenção de dados primários) para os mapeamentos e o conhecimento da prática urbana, que são os pontos fortes que atestam a contribuição desta dissertação.

Desta forma, a lógica dialética é a base interpretativa desta análise, pois permitiu a apreensão de conhecimento mais próxima da realidade vivenciada. Os conflitos existentes na realidade se apresentam como um caminho favorável, para conhecer as práticas sociais dominantes em sociedade e o movimento refletido em cada espaço urbano, vividos através dos ritmos e da dialética presentes no tempo e nas relações estabelecidas entre homem-natureza e o espaço produzido como mercadoria.

Segundo Sposito (2005), as relações que promovem essas transformações na cidade incitam a pesquisá-la e entendê-la hoje, pois a investigação é estimulada quando percebemos a urbe como um espaço inconstante, que articula e se modifica conforme a atuação dos diferentes agentes naturais e sociais que a compõem. Assim, “o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim, produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos”.

A partir deste pressuposto, compreende-se que a forma como o espaço urbano da cidade de Rondonópolis está estruturado é produto e resultado de um processo histórico, político, social que modelou a cidade e produziu características singulares perceptíveis hoje em dia.

É importante ressaltar a relevância do enfoque metodológico do trabalho para os estudos das ciências naturais e sociais, já que apresenta um novo olhar sobre a complexidade da vida cotidiana do espaço urbano de Rondonópolis, ao integrar o método de análise progressivo-regressivo aos princípios da ritmanálise.

¹ LEFEBVRE, 1992

O estudo trouxe ainda a possibilidade de testar hipóteses com base nos processos histórico-genéticos, que ainda não foram estudadas em Rondonópolis (MT). Cabe-nos estabelecer e elencar algumas hipóteses iniciais, tais como:

- I- “Repensar a possibilidade de ligação entre os fenômenos naturais e os fenômenos humanos, integrados numa dialética das durações (temporal), mediados pela ritmanálise.” (TARIFA) [...]Entender a produção do espaço urbano a partir da lógica capitalista de produção.
- II- Experimentar uma metodologia de ritmanálisee método regressivo-progressivo aplicada à produção do espaço urbano.

Desta forma, buscou-se estudar e repensar o espaço urbano de Rondonópolis dentro de uma nova perspectiva, em termos de conhecimento da realidade, métodos e técnicas. O estudo possibilitou a compreensão dos processos de uso e produção do solo urbano, as relações socioeconômicas e ambientais que se estabelecem entre os diversos usos dos espaços constituídos no limite da mancha urbana da cidade.

ÁREA DE ESTUDO

O universo de análise deste estudo é a cidade de Rondonópolis-MT e suas espacialidades (territorialidades). A operacionalização/materialização da pesquisa dessa totalidade dialética que é Rondonópolis foi feita em uma escala qualitativa de análise dos lugares, das práticas socioespaciais, do cotidiano.

Rondonópolis localiza-se na região sudeste do Estado de Mato Grosso (Figura 01), a latitude 16°28'15" sul e longitude 54°38'08" oeste, distante 215 km da capital Cuiabá. Limita-se a norte, com os municípios de Juscimeira e Poxoréo; a sul, com os municípios de Itiquira e Pedra Preta; a leste, com os municípios de Poxoréo e São José do Povo; e a oeste com o município de Santo Antônio do Leverger. Representando cerca de 0,48% da área total do estado, com uma área de 4.159,122 Km², sendo 129,2 Km² de zona urbana e 4.029,922 Km² de zona rural (IBGE, 2010).

A cidade foi fundada em 10 de agosto de 1915 e conquistou a emancipação político-administrativa através da Lei Estadual 666 publicada em 10 de dezembro de 1953. O crescimento urbano de Rondonópolis efetivou-se a partir dos anos de 1970, com a Política Nacional de Expansão das Fronteiras Agrícolas.

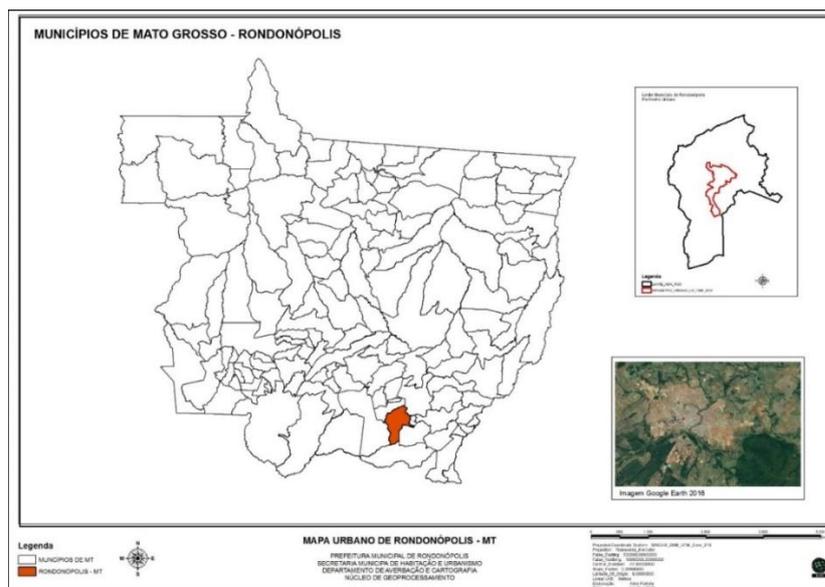


FIGURA 1- Localização do Município de Rondonópolis (MT)

Fonte: Prefeitura Municipal de Rondonópolis. Org.: PORTELA, A. A. (2016)

O município encontra-se à borda norte do Pantanal, em um planalto rebaixado no encontro dos rios Vermelho e Arareau e situa-se em uma importante localização geográfica, no entroncamento das Rodovias BR-163 e BR-364, que é a ligação entre as regiões norte e sul do país. São estas vias que escoam a maior parte da produção agrícola e industrial para os grandes centros metropolitanos e portos do Brasil.

O sítio da cidade de Rondonópolis ocupa as áreas do vale do Rio Vermelho, tem clima tropical continental quente, seco e úmido. Está localizada em nível morfológico rebaixado e de depressão, altitude média de 227m acima do nível do mar, com vegetação inicial tipicamente de cerrado. A região onde se assentou a cidade de Rondonópolis, no final do século XIX e início do século XX, encontrava-se coberta por vegetação típica de cerrado e florestas residuais. Corresponde a cerca de 30% do total do município, com a maior parte da mata pertencente à reserva indígena Tadarimana, no que se refere à vegetação nativa.

Rondonópolis, como a grande maioria das cidades assentadas na área do cerrado, teve sua urbanização marcada pelo uso de tecnologias de construção, baseada em processos padronizados pela indústria da construção, que não consideraram o ritmo do aquecimento tropical e equatorial, pois na maior parte dos edifícios, faz-se necessário elevado consumo de energia para resfriar os ambientes internos e, ao mesmo, tempo aumentam o calor externo.

Mas, apesar de todos os aparatos construídos, a cidade ainda guarda remanescentes (sobreviventes) dos ritmos naturais, na sequência estacional (inverno/ primavera), a vegetação entra na fase de floração e dá um tom colorido aos ipês, aricás, lixeiras, mandovis, tarumãs, entre outros, que a embelezam a despeito de muitas vezes estar encoberta pela poeira e

fumaça comuns na estação seca. São ritmos naturais sobrepostos ou compostos aos socioculturais.¹

O município atualmente possui uma população estimada de 218.899 habitantes (IBGE, 2016)². Além das considerações demográficas de classificação, analisando a rede e a hierarquia de cidades mato-grossenses, Rondonópolis desempenha relevante papel entre as cidades da região sudeste do estado.

Relevância esta que vai além do papel de intermediação, em sua rede/hierarquia urbana, já que a cidade apresenta-se como um importante polo (em saúde, educação, transporte, qualificação de mão-de-obra) que atende mais de 18 municípios e cerca de 500 mil habitantes. O município tem a terceira maior economia do Estado de Mato Grosso e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,75, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo Demográfico (2010).

Para a análise do objeto de estudo, desenvolvemos procedimentos que partem da tentativa de criar uma relação entre a teoria e a prática, que vai além da compreensão aparente dos fenômenos.

MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento do trabalho, utilizamos métodos de análise que consideramos relevantes para o entendimento da realidade constituída, que partem das hipóteses e investigações das contradições como guias orientadores. Considera-se que, a dialética busca um entendimento que nasce da própria realidade, o que proporciona um novo olhar sobre o mundo e as práticas sociais³.

Como fundamentos teóricos, as categorias de análise estão vinculadas às possíveis explicações sobre a produção do espaço urbano e o cotidiano, que se articulam aos princípios da ritmanálise para promover um entendimento sobre o vivido e o percebido em sociedade.

Para analisarmos e compreendermos o espaço social através da ritmanálise precisamos trabalhar com a totalidade, as interações (físicas, biológicas e sociais) e as constantes transformações de um determinado lugar. O conceito de ritmo tem origem antiga, surgiu nos

¹ SETTE e TARIFA (2004)

² Segundo Estimativa População 2016

³TARIFA, 2002

dicionários formalmente a partir do século XIII (Rythme, 1370, Le petit, ROBERT) sendo entendido como a distribuição de uma duração em uma sequência de intervalos regulares.¹

No contexto das análises urbanas, o ritmo nos possibilita uma amplitude e universalidade dos fenômenos nos quais o tempo e a vida coexistem, já que igualmente ao espaço, mesmo apresentando uma fixidez aparente, é ao mesmo tempo movimento, fluxo, processo e relações; eles se movem no tempo e no espaço.

Assim sendo, para se compreender o ritmo no tempo e no espaço, torna-se necessário diferenciar o tempo linear e do cíclico. O linear resulta da prática social e das atividades humanas, deve ser entendido como o coração das organizações socioeconômicas ligadas à urbanização e industrialização. É aquele que pode contar-se ao longo de uma trajetória e tende progressivamente a substituir ou interagir com os tempos cíclicos.

O ritmo linear pode ser contínuo e descontínuo, podendo fragmentar-se em termos parciais e se tornar descontínuos, como podemos observar ao analisarmos os espaços urbanos. Já o ritmo cíclico tem um período e um novo início. Os ritmos cíclicos e os lineares remetem a diferentes usos dos tempos sociais, mas é importante considerarmos que de nenhuma maneira eles se opõem um ao outro, e sim, possuem um sentido de generalidade. Lefebvre (1979) confirma esta afirmação ao enfatizar que “o tempo e o espaço, o cíclico e o linear tem essa ação recíproca...tudo é repetição cíclica através de repetições lineares”.

Lefebvre (1992, *in* TARIFA, 2002), utiliza o termo euritmia para mostrar as relações entre os ritmos sociais (modernos) ligados à produção capitalista do espaço. Tarifa (2001) sugere ainda, que um dos caminhos possíveis para se compreender o espaço geográfico pode ser o da ritmanálise, onde, através da apreensão e o entendimento de todos os ritmos (físicos, biológicos e sociais), aponta uma teoria e um método capaz de desvendar de forma mais objetiva (teórico-prática) a lógica dos processos naturais e a lógica dos processos socioeconômicos que, na maioria das vezes, são tratados de forma isolada.

A evolução do conceito de ritmo e da ritmanálise de Lefebvre transparece em várias de suas obras, desde a primeira redação do que chamava de um Tratado do Materialismo Dialético (1946), e que, no Brasil, acabou publicado em 1975 com o título Lógica Formal e Lógica Dialética, até várias passagens na Crítica à Vida Cotidiana II (LEFEBVRE, 1961) na Produção do Espaço (1991), e finalmente numa síntese denominada Elementos de Ritmanálise: Introdução ao Conhecimento dos Ritmos (1992). Dentro destas obras fica clara a inserção (além dos ritmos físico-biológicos) dos ritmos determinados pelas organizações

¹ TARIFA *apud*...

sociais e econômicas, dentro de uma produção capitalista do espaço. Em sua própria definição, a ritmanálise (LEFEBVRE, 1992) “inscreve-se deliberadamente numa crítica de esquerda de seu lado”, citando Marx, insiste sobre a transformação da natureza pelo trabalho humano, pelas técnicas e invenções, pelo trabalho penoso (duro) e pela consciência. Nisto, ele (Marx) também descobre os ritmos.¹

Desta forma, a Ritmanálise, definida como método, persegue o trabalho milenar de entender as polirritmias dos corpos (respiração, circulação, desejo, sono, alimentação) e do espaço (físico, biológico, humano e social), de modo sistemático, agrupando práticas diversas, de saberes diferentes: medicina, história, climatologia, cosmologia, dendrocronologia, poesia, música, sociologia, psicologia e geografia.²

Esta noção de ritmo e ritmanálise nos últimos anos têm sido amplamente empregadas nas investigações dos autores, em escalas diversas. De forma ampla, Moreaux (2013) trabalha com a noção de ritmanálise em sua dissertação de mestrado intitulada Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de artes de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade; Martins (2009) aplica a noção de ritmanálise para analisar a produção do espaço metropolitano a partir da ampliação das relações de crédito e de endividamento na composição dos negócios imobiliários urbanos.

Já em escala local, a noção teórica da ritmanálise aparece na tese de doutorado de Sette (2000), “O holorritmo e as interações trópico - extratropical na gênese do clima e as paisagens do Mato Grosso”, onde considera que o ritmo, nos diversos sentidos, é movimento, mas em se tratando de clima, traduz-se como dinâmica climática.

Fica evidente, a partir dessas referências teóricas, que a natureza do espaço conceituada na sua totalidade na relação espaço-tempo, possibilita a compreensão da ligação existente entre os fenômenos físicos, biológicos, humanos e sociais que se encontram em permanente interação, transformação e movimento.

Para isso, é necessário o olhar atento para apreender os vários tipos de ritmos contidos no espaço, dentro de cada natureza (do espaço físico, ecológico ou biológico e social) da história das cidades. De acordo com as várias superposições históricas ou mesmo ecológicas, as cidades apresentam hierarquias diferenciadas de ritmos, que compõe o holorritmo e controlam a distribuição da vida e das relações sociais no ambiente.³

¹TARIFA E SETTE, 2012

² TARIFA E SETTE, 2012

³ SETTE, 2005

A ritmanálise considera a vida cotidiana como um produto histórico e os ritmos vigentes em qualquer campo empírico também são datados historicamente, para fins de sua análise, o que Lefebvre considera ser um mecanismo eficaz para a gestão e planejamento das cidades.

Nesta concepção, o homem atua sobre a natureza para atender as suas necessidades imediatas, modificando a sua própria relação com a natureza e com a sociedade. Entretanto, essas relações sociais não são uniformes nem no tempo e muito menos no espaço, e depende da realidade contextual. Enfim, o homem reproduz, mas, também produz, neste aspecto, o espaço envolve as contradições e as particularidades do real, influenciando os processos sociais subsequentes.¹

A proposta metodológica desenvolvida neste estudo fundamenta-se na perspectiva da ritmanálise, que considera a compreensão dos ritmos como um possível caminho para o entendimento da produção do espaço geográfico, pois é capaz de desvendar de forma mais objetiva (teórico-prática) a lógica dos processos naturais e socioeconômicos que são na maioria das vezes tratados isoladamente.

É importante considerar neste contexto, o papel do ritmanalista (pesquisador) enquanto mediador da relação teoria-prática, já que para se alcançar a compreensão da realidade, o cotidiano passa a se apresentar ao pesquisador como a sua maior fonte de informação.

Buscou-se, ao seguir por este caminho metodológico, estreitar o distanciamento entre pesquisado e pesquisador (relação sujeito-objeto) e mais do que isso, comprovar a impossibilidade de separação dos ritmos que envolvem ambos na nossa sociedade urbana atual.

Para tanto, a realização do trabalho foi baseada em análises quantitativas (teóricas) e qualitativas (práticas), onde foram desenvolvidos os procedimentos metodológicos para se alcançar os objetivos propostos, conforme relacionado a seguir.

A coleta de dados quantitativos da pesquisa foi realizada junto aos órgãos oficiais como Prefeitura Municipal de Rondonópolis e IBGE. Para elaboração do banco de dados, a base foi fundamentada em dados estatísticos sobre a realidade socioeconômica do município.

A base de dados deste estudo foi ampliada através dos trabalhos em campo, o que possibilitou-se realizar um mapeamento detalhado, uma análise real do uso e da produção do espaço urbano da cidade de Rondonópolis-MT.

¹ SOUZA, 2009

Se voltarmos para a realidade e em especial para o objeto de estudo do trabalho, podemos perceber claramente os processos de igualdade-desigualdade, repetição-diferença, soma-diferença, estar dentro (in) –realidade concreta, estar fora (out) – abstração; pensamento abstrato ao vincularmos o processo de apreensão da realidade ao conhecimento teórico.

A partir das análises preliminares, feita nos mapeamentos dos dados oficiais podemos identificar uma espécie de generalização dos fenômenos, que seria uma *percepção leve* da realidade, Mas, a partir do processo de inserção/estar dentro (in) em campo, no conhecimento empírico (que nunca é somente empírico), ao se fazer e se sentir parte do processo, através da observação, da percepção (muitas vezes já adquiridas no cotidiano) podemos realmente sentir o que é a *realidade concreta*. Não a realidade apresentada pelos outros (meios de comunicação, estatísticas, etc), mas sim a realidade da *vida*, constituídas de cheiros, gostos, sentimentos, lugares tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais no tempo e no espaço.

Tudo isso nos proporciona vivenciar um processo de *percepção profunda* onde a igualdade dos padrões ditados em sociedade desaparece, dando lugar à desigualdade, à singularidade e às especificidades, o que ficou evidenciado nos resultados. Assim sendo, o trabalho de campo é uma busca através da observação, percepção e da investigação empírica (*através dos processos de se colocar in = dentro do movimento e out = fora, no pensamento abstrato*) do entendimento da realidade constituída.

Os objetos de observação dos trabalhos de campo foram os cursos d'água da mancha urbana da cidade de Rondonópolis, vista a sua importância enquanto fragmentos e produtos históricos, natural e social. Os cursos d'água, enquanto documentos históricos retratam o processo de ocupação de suas margens no tempo e no espaço, reproduzem também o processo de urbanização das cidades e ao mesmo tempo produz e reproduz a vida cotidiana.

A análise do modo de vida nos cursos d'água permitiu-nos articular a perspectiva social e ambiental num olhar crítico. E torna possível a compreensão de uma série de processos no espaço-tempo da produção da cidade, como por exemplo, os processos de segregações-fragmentações-hierarquizações do espaço, que não se realizam sem transformações dos espaços naturais. Ao buscarmos o entendimento da realidade em movimento a partir dos trabalhos em campo, podemos compreender os padrões de generalização e os fragmentos sociais e territoriais existentes no perímetro urbano da cidade de Rondonópolis-MT.

Para desenvolver a análise da produção do espaço a partir da reprodução da vida à margem dos cursos d'água, estabelecemos cinco roteiros para os trabalhos de campo, que foram especializados no cartograma da Prancha 4.1: Pontos de coleta de dados.

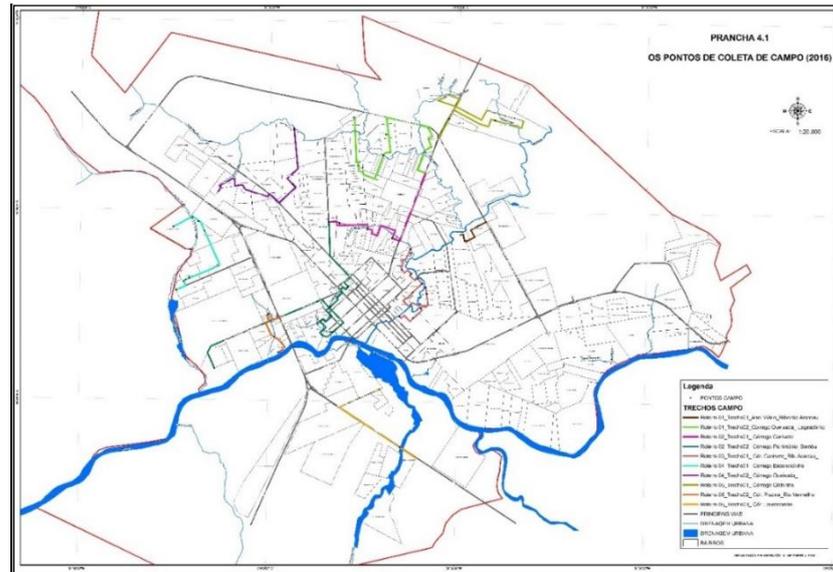


FIGURA 2: Os pontos de coleta de campo (2016). Org.: PORTELA, A. A. (2016)

O mapeamento dos pontos e trechos a serem percorridos foi importante, pois, com efeito, é na escala mais próxima desses trajetos que o mapa pode ajudar a entender conteúdos, ritmos e espacialidades da produção da área da cidade. Como preparação do campo foi feita, primeiramente a impressão dos mapas e posteriormente uma observação prévia para definição dos trajetos, pontos a serem visitados. Os trabalhos efetivamente foram realizados nos dias 04, 06, 08 e 15 de abril e 04 de maio de 2016, com veículo e motorista da UFMT, conforme descrito no Quadro 1.

QUADRO 1 - Relação dos roteiros e trechos do trabalho de campo.

| Roteiro | Trecho | Córrego/ Rio | Data do campo |
|---------|--------|-------------------------------------|---------------|
| 1 | 1 | Córregos Queixada e Lageadinho | 04/04/2016 |
| 2 | 1 | Córrego Canivete | 06/04/2016 |
| | 2 | Córrego Patrimônio | |
| 3 | 1 | Ribeirão Arareau / Córrego Canivete | 08/04/2016 |
| 4 | 1 | Córrego Escondidinho | 15/04/2016 |
| | 2 | Córrego Queixada | |
| 5 | 1 | Córrego Globinho | 04/05/2016 |
| | 2 | Córrego Piscina / Rio Vermelho | |
| | 3 | Córrego Lourencinho | |

Org.: PORTELA, A.A. (2016)

Durante a realização do trabalho de campo fez-se um levantamento fotográfico, abordagem, conversas informais, com os moradores locais, pois entendemos serem eles a parte mais importante do processo, especialmente se considerarmos o papel dos indivíduos e sujeitos sociais na dinâmica das cidades.

As análises fotográficas, obtidas *in loco*, expressam o padrão dos fragmentos e a identidade de cada um dos espaços observados. Para entender estas identidades é fundamental

que estabeleçamos a relação de “*estar dentro= in*” ou “*estar fora= out*”, criando assim uma relação de intimidade com o objeto de estudo, e principalmente uma relação afetiva com cada espaço.

A realidade é representada, neste caso a partir dos fatos, enquanto que os mapeamentos nos mostram uma abstração da realidade. Isto fica comprovado ao analisarmos o discurso dos moradores, pois é através da fala deles, expressão fidedigna dos seus anseios, necessidades e expectativas, conforme nos foi relatado, que pudemos analisar a produção do espaço enquanto lugar de moradia, realização, vivência, ou seja, os espaços reais construídos e reconstruídos a partir das práticas cotidianas.

A base de dados final foi elaborada a partir da integração dos dados quantitativos, qualitativos e reflexões teóricas, críticas ou interpretativas. Para análise dos resultados, utilizamos uma metodologia proposta por Lefebvre (1979), que a partir da sua interpretação sobre dialética criou um procedimento específico para analisar a realidade social, que seria o método *regressivo-progressivo*, que inicia do presente e volta ao passado para recortar acontecimentos que procederam e elucidam o presente e posteriormente faz o movimento inverso.

Os trabalhos de campo juntamente com a análise dos dados quantitativos tornaram possível a produção de um mapeamento detalhado e uma análise real do uso e a produção do espaço da cidade de Rondonópolis, onde foram incluídos aspectos específicos desta pesquisa e as especificidades que ela revelará.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos neste artigo os resultados referentes às análises dos ritmos histórico-genéticos que representam as totalizações históricas da realidade compreendida e explicada. Para compreender o objeto de estudo, partimos da apresentação dos lugares, buscando dar destaque aos elementos da realidade atual para a construção de uma problemática urbana. Este foi o ponto de partida para a análise a que nos propomos. Para tanto, cumpre-se desse modo, retomar o conceito de totalidade, que vai além das aparências e do visível, já que a totalidade deve ser entendida como a realidade em sua integridade.

Desta forma, a reflexão sobre a reprodução social da vida e o processo de urbanização de Rondonópolis (MT) nos coloca diante da necessidade de pensar como a cidade se reproduz atualmente, o que traz à tona a preocupação com o cotidiano e a vida urbana da população.

Neste sentido, o cotidiano como categoria de análise nos possibilita o entendimento do mundial no lugar, pois assim poderemos entender o viver (plano social) ou o vivido (plano pessoal) dentro de um contexto da relação dos indivíduos com a sua história, com o local. Portanto, o cotidiano não pode ser universal, pois ele tem suas especificidades ao considerar o homem como imerso no seu cotidiano.

A ritmanálise vem ao encontro do cotidiano ao buscar integrar, através da noção de ritmo, tanto o que é social quanto o que é natural, já que os dois ritmos se mesclam em um mesmo ritmo no tempo e no espaço, conforme evidenciamos em nossas análises. Os ritmos, suas impressões e suas repetições participam da formação dos tempos sociais, e é o que está em jogo na transformação possível do cotidiano, pois são as diferenças, induzidas pelas repetições, que constituem a trama do tempo.¹

Para isso é necessário o olhar atento para apreender os vários tipos de ritmos contidos no espaço, dentro de cada natureza, (do espaço físico, biológico ou espaço social) da história da cidade, já que as cidades apresentam hierarquias diferenciadas de ritmos.²

Os ritmos históricos – genéticos - um presente compreendido e explicado

Este representa o terceiro momento de análise do estudo, que Lefebvre (1978) denominou de momento *histórico-genético ou regressiva-progressiva*, onde reencontramos o presente já descrito. Esse momento nos possibilita, depois de identificar o presente e de posse do passado, compreender as possibilidades do futuro. É importante considerarmos aqui a interação entre os ritmos do presente e do passado, para assim, compreender a inter-relação entre as estruturas recentes e as antigas ou vice-versa, o que nos possibilita uma ideia de conjunto.

Assim confirmando, que as contradições em sociedade, no tempo e no espaço existem e são ainda mais evidentes ao observarmos o processo em sua totalidade e não os processos fragmentados da mesma (como ocorreria se analisássemos apenas um bairro de forma isolada).

Portanto, vê-se que a valorização ou a sobrevalorização de alguns espaços interfere na vida cotidiana dos cidadãos, e produz uma série de problemáticas na estrutura da cidade, em função desse processo fundamentado no sistema capitalista de produção, difundido num

¹ MOREAUX,
² SETTE, 2005

discurso desenvolvimentista. Desta forma, se consegue agregar mais valia ao solo urbano, conseqüentemente à moradia, e a transforma em um produto restrito.

Tais aspectos conduzem a crer que a discussão sobre algumas questões urbanas, dentre elas a dinâmica das transformações sócio espaciais no município, por conseguinte a valorização imobiliária, resultante da constituição de inúmeras ações na cidade por meio de empreendedores imobiliários, representa na avaliação e no planejamento do uso dos seus espaços, uma ferramenta com incomensurável potencial investigativo.

Apropriação dos espaços públicos - Áreas Verdes e APPs

Em relação à apropriação dos espaços públicos, o município de Rondonópolis contempla três categorias de áreas legalmente protegidas, representadas pela Reserva Indígena Tadarimana, a Reserva Particular do Patrimônio Natural Parque Ecológico João Basso e o Parque Estadual Dom Osório Stofell, criados respectivamente no âmbito de iniciativas federal, particular e estadual. Além destas áreas definidas por lei, na mancha urbana identificamos ainda as Áreas de Preservação Ambiental (APP) e as Áreas Verdes, figura 03.

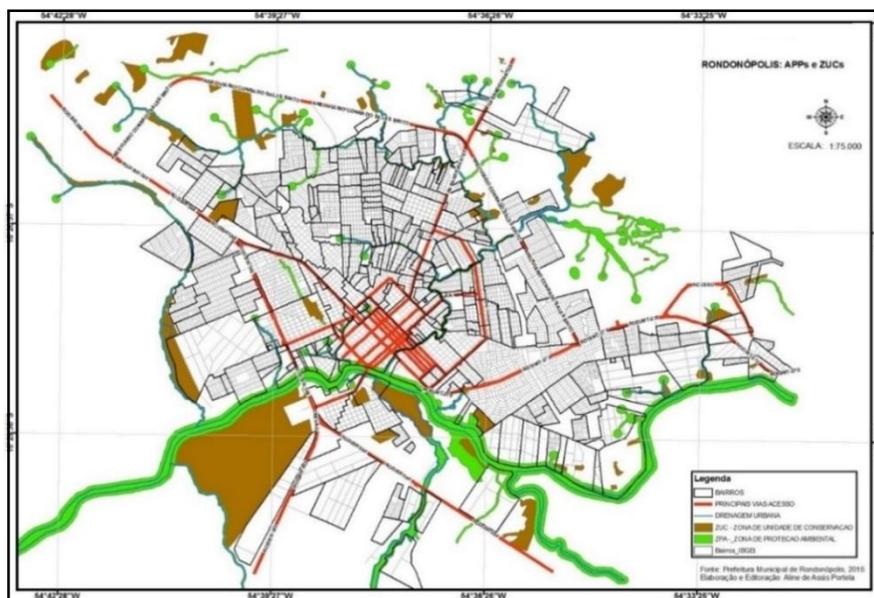


FIGURA 3- Rondonópolis: APPs e ZUCs Org: PORTELA, A. A. (2016)

A ocupação das áreas de preservação permanentes nas áreas urbanas é um problema para a maioria das cidades, e aqui em Rondonópolis não poderia ser diferente. Problemática esta resultante do processo de ocupação das áreas urbanas onde o Estado promove e permite a ocupação destas áreas pela população de baixa renda através da deliberação de lotes nas

margens e nascentes dos rios. Esta ocupação traz inúmeros problemas urbanos como: poluição dos cursos d'água, deposição de lixo, enchentes por conta de entupimento dos cursos d'água por lixo, etc.

A partir da ocupação destas áreas surgem “novas” morfologias do espaço urbano e coletivo, com a privação das relações com o próximo, o sentido da vizinhança, a ocupação e a utilização dos espaços públicos e as relações se restringem assim, em nível da vida privada.

Na maioria dos casos, as populações ribeirinhas são vistas, sob a ótica “ambiental” como inimigos da qualidade de vida e do meio ambiente. Mas na realidade, o que podemos constatar a campo, no vivido, é que na maioria dos casos o que se estabelece não é uma relação de violência e de degradação e sim, uma relação de respeito, cuidado por parte da população ribeirinha com a natureza e com o lugar em que vive.

Isto fica muito evidente ao analisarmos a ocupação dos espaços públicos pelos moradores. Espaços estes, que são produtos históricos e representam a vivência cotidiana dos indivíduos, mas que a cada dia estão sendo mais subutilizados e abandonados, como por exemplo, as Áreas Verdes e áreas públicas às margens dos córregos que cortam o perímetro urbano da cidade.

Na atualidade, precisamos considerar a existência e a atuação dos poderes públicos para efetivação das legislações ambientais, de forma a desconstruir modelos de ocupação já existentes, visando minimizar os impactos causados pelos processos de antropização, o que podemos ponderar como disritmias nos processos de produção do espaço urbano, como o que vem acontecendo às margens do Ribeirão Arareau com o cercamento de suas margens.

Nas figuras 4 e 5, podemos observar áreas consideradas de Preservação Ambiental e Áreas Verdes Municipais onde os moradores assumiram a responsabilidade de cuidar daqueles locais por entender que são como parte de sua história de vida.



FIGURAS 4 e 5 - Jardim Vera Cruz, neste ponto podemos observar a margem do Córrego Canivete na região da ponte sob a Rua José Barriga. A área foi alterada para a construção da ponte, destruindo as espécies nativas da região que há alguns anos era um antigo banhado, um brejo, conforme nos relatou os moradores locais. Foto: J.R.T., Maio/2016

Segundo o morador João Ivanir Thiel, morador da região há 16 anos, existe uma área que está sendo cuidada por ele que é uma área Verde de propriedade do município. O morador ainda nos informou que a promessa da prefeitura para esta área é a construção de uma área de lazer, uma praça. Ele disse estar em contato com vários vereadores e acredita conseguir a revitalização desse espaço. Enfatizou a importância da preservação desse local, devido a beleza, a sombra e a sensação de bem-estar que ele proporciona, fato este que justifica o trabalho de cuidar e zelar dele.

Na área das figuras 6 e 7, no Bairro Jardim Assunção II Parte, observamos um processo de canalização recente do córrego, podemos visualizar restos de material de construção e pedaços de manilha.



FIGURAS 6 e 7 - Córrego Canivete – Jd. Assunção II Parte, ponte da Rua Maria José Ribeiro de Oliveira, antiga Rua 05, observamos processos de degradação com deposição de esgoto e lixo a céu aberto. Observamos também construções antigas em área de Preservação Ambiental. Foto: A. A. P., Maio/2016.



FIGURA 8- Córrego Canivete – Jd. Assunção II Parte, ao caminharmos pela margem do córrego, o morador nos mostrou uma mina d'água que segundo ele era utilizada pela antiga moradora para lavar roupas para fora. Foto: J. R. T., Maio/2016

Segundo o Sr. Maelson Costa Santos, 30 anos, a área onde foi construída a sua casa é uma APP (Área de Preservação Permanente), relatou que quando da ocupação deste território, que faz divisa com o terreno de seu pai, não tinha energia e era uma antiga olaria. O morador ainda ressaltou que, como em outras áreas de preservação, a promessa da administração pública é finalizar o processo de canalização e construir um parque no local. Em companhia do morador atravessamos para a outra margem do Córrego, que ele relatou ser uma Área

Verde, que durante muitos anos o seu pai cuidou, limpou e plantou árvores, nos mostrou também uma bomba d'água que ainda funciona instalada no córrego, para pegar água. Adiante podemos observar uma área que está cercada e onde são criadas algumas vacas leiteiras.

De acordo com o Sr. Edgar, 42 anos, o Córrego Canivete, mesmo estando localizado em uma área intensamente urbanizada, só possui 400 metros de canalização, o que constitui um grande problema para a população ribeirinha nos períodos chuvosos. Ressaltou ainda, que durante as campanhas eleitorais, dentre as várias promessas para os moradores locais está a construção de um parque e uma pista de caminhada às margens do riacho.

Estes exemplos evidenciam que os moradores ribeirinhos assumem a função do poder público pela manutenção destas áreas de preservação ambiental. É evidente também, a relação afetiva que os mesmos desenvolvem com a terra e ao mesmo tempo, a expectativa de que poderão ter o respaldo do governo na manutenção de seus espaços de vivência.

O Cotidiano das populações ribeirinhas: cheias, vazantes e misérias.

A área urbana da cidade de Rondonópolis enfrenta sérios problemas com as frequentes enchentes, nos períodos chuvosos (setembro a março), já que a área está assentada sobre o vale de dois cursos hídricos principais que cortam a cidade, o Rio Vermelho e o Ribeirão Arareau.

No período de primavera, quando acontecem as frequentes e fortes chuvas, as enchentes atingem alguns bairros fixados às margens do Rio Vermelho e Ribeirão Arareau, na planície de inundação. SETTE (1995) constatou a existência de três bairros situados na planície de inundação do Rio Vermelho e dezessete do Ribeirão Arareau, instalados em áreas de risco de enchente, além do próprio centro da cidade que atinge os referidos cursos hídricos. Salienta que, tanto a população como o poder público, tem desprezado o risco em função da frequência das enchentes ser pequena, mas que nem por isso poderia deixar de ser esperada.

Por outro lado, em praticamente todos os episódios de fortes chuvas (aguaceiros), ocorrem problemas de inundações em vários pontos da cidade, consequência da impermeabilização dos solos, insuficiência da rede de galerias de águas pluviais, além da pouca declividade das ruas que dificultam o escoamento, tornando-o mais lento, exemplo do que acontece na região do bairro Sagrada Família (vetor Leste).

No bairro Jardim Tropical, à margem do Córrego Canivete na Rua Luziano Borges Muniz, onde foi realizada a canalização externa do curso d'água, visitamos a casa do Sr. José

(falecido) e D. Maria, onde conforme a filha dos moradores, a canalização foi feita há mais ou menos quatro anos, após um período de fortes chuvas que provocou enchente e, conseqüentemente o alagamento de casas na região. Segundo a moradora, naquele momento a família foi notificada a deixar a casa, mas eles discordaram e permaneceram no local.

Precisamos considerar nestes casos, o cumprimento da legislação ambiental que diminui de 30m para 10m, no caso de córregos canalizados, a distância das construções à lâmina d'água do rio. Podemos observar neste local, através das fotos, que a maioria das construções não respeita a distância mínima permitida por lei (Figuras 9 e 10).



FIGURA 9 e 10- Jd. Tropical – Córrego Canivete- a moradora nos relatou que em um primeiro momento, durante o processo de canalização naquele local, foram construídas manilhas baixas e direcionadas às construções e que durante a primeira chuva aconteceu a derrubada da contenção o que ocasionou inundações e até um acidente onde uma moto caiu no córrego neste ponto. Foto: A. A. P., Maio/2016.

Uma moradora ainda descreveu a situação da quadra ao lado de onde foi construída a canalização com manilha subterrânea, que retiraram os moradores, mas que posteriormente os terrenos foram negociados e construídas moradias do programa MCMV, conforme podemos observar in loco.

À medida que a urbanização avança evidenciam-se inúmeros problemas, erosões, ocasionadas devido a impermeabilização do solo urbano em substituição da vegetação, industrialização, aumenta de fluxo de veículos, assoreamento dos rios que cortam a mancha urbana. Os riachos da cidade apresentam baixa qualidade de suas águas, devido principalmente a emissão de esgotos sem tratamento em seus cursos, conforme podemos evidenciar em alguns trechos visitados durante o trabalho de campo. Na Rua Treze de Maio, área central da cidade, podemos observar a nascente do Córrego Patrimônio. As figuras 11 e 12, evidenciam o processo de degradação deste curso d'água: assoreamento das margens, lixo e esgoto sendo depositado a céu aberto, águas turvas.



FIGURAS 11 e 12- Córrego Patrimônio – Região Central – Observamos a canalização aberta, à aproximadamente 100 metros da nascente do curso d’água a existência de um prédio da SEMED, Secretaria Municipal de Educação, a uma distância bem inferior aos 10 metros. Foto: A. A. P., Maio/2016.

O Córrego Patrimônio, por se encontrar na região central da cidade está canalizado em toda a sua extensão. Neste ponto, mostrado na Foto 5.10, a canalização é aberta. Observa-se a proximidade das construções, que na maioria dos casos não atende às exigências mínimas ambientais em relação aos cursos d’água canalizados, que seria de 10 metros de distância.

Ao margearmos o Córrego Patrimônio na área dos bairros La Salle e Vila Marinópolis, observamos a existência de áreas onde a canalização foi feita com manilhas subterrâneas, no intuito de viabilizar e atender às demandas do processo de urbanização da região central e comercial. Em outro ponto (Figuras 13 e 14), na Rua Antônio Jacob das Chagas do bairro Loteamento Alves, observa-se o fundo dos terrenos que margeiam o Córrego Patrimônio.



FIGURAS 13 e 14- Córrego Patrimônio – Loteamento Alves, presença de construções desrespeitando a distância mínima de 10 metros da canalização, esgoto sendo jogado diretamente no Córrego através de encanamentos das moradias, lixo. Construções depositando esgoto diretamente no Córrego Patrimônio. Foto: A.A.P., Maio/2016

Na avenida Presidente Kennedy, onde o Córrego Marimbondo deságua no Córrego Bambu (Figuras 15, 16 e 17) observou-se uma área muito degradada, com presença de lixo, esgoto, focos de queimada e canalização do Córrego Bambu.



FIGURAS 15,16- Córrego Bambu – esta área traz lembrança de um ambiente pós-guerra, especialmente após a destruição da ponte que aconteceu após um período de enchente, há mais ou menos um ano e meio atrás. Crianças brincando em meio ao processo de degradação sócio-ambiental da área onde o Córrego Marimbondo¹ desagua no Córrego Bambu. Foto: A. A. P. Maio/2016.



FIGURA 17- Córrego Bambu – pode-se observar que o processo de canalização ainda não foi concluído e também visualizamos a proximidade das construções, com vias de acesso onde transitam somente um veículo por vez. Foto: A. A. P. Maio/2016.

Na outra margem do Córrego Bambu, observamos várias moradias construídas na época do mandato do antigo prefeito José Carlos do Pátio, que seria o futuro loteamento 10 de julho, que não foi e nem se encontra em processo de aprovação na Prefeitura. Alguns meses após a visita de campo, no mês de setembro/ 2016, a obra de reconstrução da ponte foi iniciada pela prefeitura, de forma a atender as necessidades de acesso e circulação dos moradores locais.

Na área onde se localiza a Vila Canaã, ao percorrermos o bairro, observamos algumas casas que retratam como se deu o processo de ocupação/ invasão da área (Figuras 18 e 19). Padrão das construções do bairro, que iniciou-se a partir de invasões territoriais. Mesmo anos depois, após a aprovação do loteamento na prefeitura, este tipo de construção ainda é característica no bairro.

¹ Córrego Marimbondo é o nome dados pelos moradores a este curso d'água. Oficialmente, em dados fornecidos pela Prefeitura o nome do córrego é Bambu 2.



FIGURAS 18 e 19- Vila Canaã – ponte sob o Córrego Patrimônio na Avenida Rui Barbosa observamos um processo de degradação das margens do córrego com deposição de esgoto, lixo. Observamos também grupos de pessoas e um forte cheiro de crack. Foto: J. R. T., Maio/2016.

No Jardim Oliveira (Figura 20), ao percorrermos a Rua 04, à margem do Ribeirão Arareau, observamos muitas chácaras e grandes áreas de propriedade privada. Na esquina da Rua 04 com a Rua Rui Barbosa conversamos com a D. Vinovita, esposa do Sr. Tércio, que são moradores da região há 20 anos. Ela afirma que na atualidade, o Rio Arareau não é o mais o mesmo, que as águas estão muito sujas.



FIGURA 20- Jardim Oliveira – Ribeirão Arareau, casa da Sr. Vinovita, sem muro e bem arborizada, observamos várias toras de madeira nobre, que a mesmo nos relatou que são utilizadas pelo seu marido, que trabalha com equipamento muck. Foto: J. R. T., Maio/2016.

No final da Avenida da Consolação, em uma chácara às margens do Ribeirão Arareau (Figura 21), divisa dos bairros Jardim dos Pioneiros e Centro B, conversamos com o proprietário, o Sr. Valdir Siqueira, 66 anos, morador da região há 25 anos.



FIGURA 21- Jardim dos Pioneiros- vista da chácara Sr. Valdir, um ambiente bem agradável, arborizada, casa não é murada. Foto: J. R. T., Maio/2016.

O morador disse que é uma região calma, que não tem problema com violência e assalto, especialmente depois da morte de alguns presidiários na Mata Grande. Relatou ainda, que mora com a filha, gosta muito da localização de sua moradia por ser próxima, ter fácil acesso ao centro da cidade e ao mesmo tempo por ser muito tranquila, próxima da natureza.

Declarou que na atualidade, o Ribeirão Arareau está preservado e voltou a ter peixe nas suas águas após a retirada do esgoto, disse ainda que o esgoto daquela região é direcionado para o ponto de coleta na Vila Mamed. Contou que não sofre há alguns anos com o problema de enchente, que a última foi em 2005 e chegou bem próximo da sua casa. Para finalizar ele relatou que se considera “vizinho do Arareau” e que isso é muito bom. (nega a afirmação de outros moradores em relação à limpeza do rio).

Este vínculo de afetividade se confirma também ao andarmos pela Rua Luiz P. Santana (Figuras 22 e 23), margem do Ribeirão Arareau, onde podemos observar algumas moradias muito próximas à margem do Arareau, em uma área considerada pela prefeitura como Área de Risco (APP) por conta das enchentes.



FIGURAS 22 e 23- Ribeirão Arareau, Rua Luiz P. Santana, Sr. José Fernandes e seu filho. O morador disse que até pouco tempo atrás, antes de sofrer um AVC cuidava, limpava e preservava a região, mas que os moradores de fora não respeitam e visitam o local, jogam lixo e não se preocupam. Na foto 00, casa de frente ao Sr. Luiz, onde moradores tiveram que desocupar por ser uma área de inundação na época das cheias. Foto: J. R. T., Maio/2016.

No local, conversamos com a família do Sr. José Fernandes, 78 anos, que mora há 40 anos na região. Ele nos contou que o Rio Arareau agora está muito sujo e admira como as pessoas tem coragem de tomar banho, comer os peixes do rio, por conta do esgoto.

O Sr. Luiz nos relatou ainda que as casas em frente a sua foram notificadas pela prefeitura, mas segundo a medição da prefeitura, Semma, a sua casa ficou de fora da área de risco. Na figura 23, podemos registrar a imagem das casas que estão em Área de Risco (APP).

Em todos os exemplos apresentados e para os moradores com quem conversamos a casa, o lugar de moradia é o que oportuniza a identidade, o sentimento de pertencimento. A cotidianidade, nestes trechos, revela o lado dúbio da dominação da vida (a miséria e a grandeza), que são a base do entendimento da vida em sociedade.

A produção dos espaços urbanos nos proporciona uma vida cotidiana imediatista e fragmentada a partir da ideologia do “crescimento”, do “progresso” e do (des) envolvimento, que na realidade promove cada vez mais a negação, o não pertencimento aos cidadãos.

Mesmo desta forma, percebemos o sentido da noção do pertencimento na fala dos moradores, por exemplo, quando falam da vida de antigamente, da relação de afetividade com o seu pedaço de terra. Consideram que as transformações por que passou o seu local de vivência foram negativas e trouxeram melancolia às suas vidas.

Este processo de desenvolvimento promoveu os desencontros, a coexistência de tempos no espaço urbano e uma espécie de lacuna de vida, fragmentados. Este viver em fragmentos promove a negação da vida, do eu, da vida social, esta é a tragédia da modernidade. Os espaços fragmentados representam as lacunas inanimadas, sem tradição, onde a memória dos moradores está ligada às dificuldades de reprodução da vida.

Observa-se também na cidade que, entre os principais agentes envolvidos nesse processo de transformação do conteúdo urbano, destacam-se os poderes político e econômico, que, em “parceria”, impactam sobre a produção do espaço e o cotidiano da cidade. Nos últimos anos, notadamente na última década, o número de construção de novos empreendimentos, em especial os condomínios e/ou loteamentos fechados é característica da produção do espaço urbano em Rondonópolis. Percebe-se a diferença de pertencimento entre o morador à margem dos cursos d’água e os demais moradores distantes das margens.

A coexistência de ritmos no espaço urbano

Os processos de transformação se repetem e muitas vezes se entrelaçam simultaneamente, reproduzindo velhas e novas relações em um mesmo espaço. Fica evidente assim, a coexistência de várias temporalidades no espaço urbano de Rondonópolis, onde as relações sociais não têm a mesma idade, nem são uniformes e, na realidade sobrevivem a certos momentos, circunstâncias históricas, como podemos destacar.

Compreende-se que, atualmente em Rondonópolis, encontramos diversos agentes que agem na execução da apropriação do espaço urbano, entretanto, esses promotores adotam o capital e o poder como condição essencial da produção, executando apenas o molde atual do

mercado, fundamentado apenas na produção capitalista, que fomenta uma organização da malha urbana de forma hierárquica, baseada no poder aquisitivo de seus moradores, o que produz formas de segregação induzida.

As persistências e rupturas não se evidenciam apenas na paisagem, mas principalmente nas relações sociais, nas relações homem-natureza e suas interações. Relações estas que perpetuam, transformam e são recriadas no decorrer do tempo, conforme podemos observar em alguns pontos do trabalho de campo. As figuras 24 e 25, atestam a coexistência de ritmos no fragmento espacial do Ribeirão Arareau, o ritmo da relação homem- natureza.



FIGURAS 24 e 25- Jardim Brasília, na Av. Marechal Rondon, observamos também bem próximo a margem do Córrego Arareau algumas construções do programa MCMV. Foto: A. A. P., Maio/2016.

No final da Avenida Mário B. Costa, à margem do Ribeirão Arareau, encontramos uma área de mata ciliar preservada pelos moradores (Figuras 24, 25 e 26) e observamos também bem próximo a margem do Córrego Arareau algumas construções do programa MCMV.



FIGURA 25- Jardim Brasília, final da Av. Mario B. Costa, encontramos uma área preservada, com Mata Ciliar e podemos observar alguns rapazes tomando banho no rio. Segundo um deles o nível do rio é baixo neste local e que consideram o rio limpo. Foto: J. R. T., Maio/2016.

Residencial São José, às margens do Ribeirão Arareau (Figuras 26 e 27), conversamos com o Sr. Galeno Esteves, proprietário da área (2.200 m²) e construtor das casas para venda, ele disse que a maioria delas já está vendida pelo valor de 125.000 cada. Ele nos falou que considera importante o estudo sobre a preservação dos cursos d'água e nos relatou que todo o

processo de construção das casas à margem do Rio Arareau atendeu a legislação ambiental vigente.



FIGURAS 26 e 27- Ribeirão Arareau - Residencial São José, construções Minha Casa Minha Vida e área onde existe uma criação de cavalos pelos moradores. Os moradores que estavam no local nos relataram que naquele ponto, há 40 anos atrás, eles podiam beber a água do Arareau, podiam pescar piraputanga a vontade. Foto: J. R. T., Maio/2016

No final da mesma rua, local da figura 27, os moradores disseram ainda que quem “acabou” com o ribeirão foi o Sr. Carlos Gomes Bezerra, atual deputado federal pelo estado de Mato Grosso e nos perguntou se iríamos trazer o rio de volta. Relataram ainda que o Arareau está cheio de terra devido as atividades das dragas de areia que provocaram o assoreamento. Falaram ainda que o local da nascente do rio é depois da divisa de Rondonópolis com Poxoréo, no sítio do Sr. Zé Abadia, pai de um advogado morador aqui da cidade.

No Jardim Tancredo Neves (Figuras 28 e 29), na Rua Irerê com avenida Graciliano Ramos, divisa dos loteamentos Jd. Tancredo Neves e Jd. Rui Barbosa, conversamos com o Sr. Pedro, morador e proprietário de uma funilaria naquele local. Ele nos relatou que o Córrego Escondidinho de escondido não tem mais nada, pois já acabou praticamente. Disse que está muito diferente do que era antigamente.



FIGURAS 28 e 29- Córrego Escondidinho- Jardim Tancredo Neves, local de moradia e de trabalho do Sr. Pedro e em frente muro da empresa de biodiesel Caibiense. Foto: A. A. P. Maio/2016

No Jardim Rui Barbosa, próximo à margem do Córrego Patrimônio, observamos um muro alto em uma grande propriedade no outro lado da Avenida Graciliano Ramos, que o Sr.

Pedro nos disse ser da Empresa Caibiense, uma empresa de Biodiesel. Ao seguirmos pela avenida até a ponte sobre o Córrego Escondidinho (divisa com o loteamento Rosa Bororo) podemos ver o processo de degradação daquele curso d'água.

É indispensável refletir sobre a maneira que estas modernidades espaciais e sociais incorporam os direitos fundamentais dos cidadãos, pois cada vez mais percebemos a construção de espaços excludentes e segregatórios. O espaço urbano, neste contexto é entendido como campo de estratégia da reprodução social.

E os cidadãos que habitam as cidades, acabam se tornando um mero consumidor de todo este processo. Em Rondonópolis este movimento não é diferente, e podemos compreender isto nas várias falas recolhidas nesta pesquisa, com os moradores ribeirinhos.

Para estes moradores a lógica presente é a da vida, da cidade, do rio como o seu lugar de moradia e de realizações e não a da apropriação do capital. Evidencia-se também o cuidado com o lugar de moradia e o sentimento de pertencer a este local.

CONCLUSÕES

O confronto com a realidade é um caminho favorável para conhecer, reconhecer as práticas sociais estabelecidas em sociedade, o movimento refletido em cada espaço urbano nos mostra o ritmo, a dialética presente no tempo e nas relações estabelecidas entre homem-natureza.

O método regressivo-progressivo contribuiu de forma eficiente para o entendimento do objeto de estudo do trabalho, pois permitiu a decomposição das complexidades envolvidas no espaço urbano da cidade de Rondonópolis no tempo e no espaço.

A partir das análises ficou evidente que precisamos trabalhar em conjunto a prática e a teoria, na tentativa de romper com a exterioridade recíproca de tudo o que é natural e social e com a separação dos elementos constitutivos da totalidade, o que é próprio da modernidade.¹

Lefebvre acredita que o presente por si só não esclarece o real, por isso propõe a regressão para encontrar um marco de mudança. O método dialético de investigação nos proporcionou enxergar que por trás da proposta de coerência do modo de produção capitalista, existe um rico processo de contradição.

A dialética, desta forma, nos permitiu reconhecer onde está o antigo, o novo, o diferente, pois é na relação dialética destes três ritmos que o sistema de produção do espaço urbano se fundamenta.

¹ DAMIANNI, 2012

Conseguimos desta forma, alcançar o objetivo teórico principal desse estudo era apropriar-nos da noção de ritmo, com o intuito de integrá-la às análises, reflexões geográficas e, nos parece que essa noção permite tratar de práticas sociais pouco consideradas, enquanto possibilita vislumbrar novos horizontes na restituição do urbano, enfatizando novas relações possíveis entre o vivido e o concebido na perspectiva traçada pelo filósofo Henri Lefebvre.

Assim, ao apropriarmos da ritmanálise para tratar da diferença e das rupturas dos ritmos do cotidiano, conseguimos enxergar as múltiplas contradições apresentadas no espaço urbano de Rondonópolis e aprofundar essa articulação entre o tempo e o espaço.

Assim, ao apropriarmos da ritmanálise para tratar da diferença e das rupturas dos ritmos do cotidiano, conseguimos enxergar as múltiplas contradições apresentadas no espaço urbano de Rondonópolis e aprofundar essa articulação entre o tempo e o espaço.

As análises da atualidade e dos processos histórico-genéticos da cidade nos permitiram compreender dialeticamente as persistências/continuidades, as transformações, a coexistência do novo e o velho e, principalmente o movimento da totalidade com suas semelhanças e diferenças.

Diante do exposto, nota-se que alguns elementos-chave para a compreensão da urbanização de Rondonópolis passam pelo crivo das rendas da terra e imobiliária. Inicialmente, os vazios urbanos representados por fazendas e lotes em diferentes pontos da cidade são, em parte, prováveis zonas de expansão urbana do capital, que vem se sujeitando historicamente a uma lógica mercadológica do espaço, liderada principalmente pelo capital imobiliário atrelado ao capital financeiro internacional.

Cabe ressaltar, que compreender a totalidade dos ritmos (físicos, biológicos e sociais) de Rondonópolis é uma tarefa difícil dada a complexidade da realidade apresentada, e este, como o título já diz é um pequeno ensaio para se alcançar este objetivo maior.

AGRADECIMENTOS

Aos professores membros da banca examinadora: Prof. Dr. Jorge Luiz Gomes Monteiro e Prof. Dr. Danilo Volochko, por seus ensinamentos, e confiança ainda quando para mim o mestrado era um projeto para o futuro.

Em especial, ao professor Danilo pela disponibilidade, apesar de todos os contratempos, de enfrentar uma viagem de carro do Paraná ao Mato Grosso para compor a banca examinadora. Muito obrigada!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALBIM, R. e KRAUSE, C. **Produção social da moradia: um olhar sobre o planejamento da Habitação de Interesse Social no Brasil**. Revista Brasileira de ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS V.16, N.1, p.189-201, / MAIO 2014 1 8 9.

BRASIL. **Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001)**. Disponível em www.planalto.gov.br, 2001.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo Demográfico)**. Disponível em www.ibge.gov.br, 2010.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Estimativa da População)**. Disponível em www.ibge.gov.br, 2014.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <http://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas>

CARLOS, A. F. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

_____, A. F. **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____, A. F., VOLOCHKO, D., ALVAREZ, I. P. (orgs). **A Cidade como Negócio**. São Paulo: Contexto Edições, 2015.

DAMIANI, A. L. **Introdução a elementos da obra de Henri Lefebvre e a Geografia**. Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume Especial 30 Anos (2012), p. 254-283

DEMAMANN, M. T. M. **Rondonópolis-MT: campo, cidade e centralidades**. São Paulo: a autora, 2011 (Tese de Doutorado).

ELY, D. F. **A compartimentação e a estruturação da paisagem do município de Rondonópolis- MT**, Dissertação de Mestrado, 1998.

ENDLICH, A. M. **Inovações na forma de reprodução, fluxos e territorialidade urbana**. Revista Formação: Cidade, Campo e Modernidade. Presidente Prudente: UNESP, 1997, p 49-73.

FERNANDEZ, F. N. **Ocupação territorial e prioridades socioambientais no Centro - Oeste do Brasil**. Brasília: Paralelo 15, 2011.

FREHSE, F. **Quando os ritmos corporais dos pedestres nos espaços públicos urbanos revelam ritmos da urbanização**. Civitas, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 100-118, jan.-mar. 2016.

HARVEY, D. **A produção capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____, D. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. (Tradução de Rubens Eduardo Frias). São Paulo: Centauro, 2011.

_____, H. **Lógica formal e lógica dialética**. (tradução de Carlos Nelson Coutinho), 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

MARICATO, E. ARANTES. **A Cidade do Pensamento Único (Org.)**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINS, F. E. da S. **A Produção da Escala Metropolitana e do seu Pesquisador: Elementos de Ritmanálise**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Edição Especial, pp. 29 - 39, 2009.

MARTINS, J. de S. (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

MOREAUX, M. P. **Expressões e impressões do corpo no espaço urbano: estudo das práticas de artes de rua como rupturas dos ritmos do cotidiano da cidade**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro Junho 2013. PUCRio - certificação digital 1112010/CA.

NEGRI, S. M. O processo de segregação sócio-espacial no contexto do desenvolvimento econômico da cidade de Rondonópolis – MT / Silvio Moisés Negri. – Rio Claro: [s.n.], 2008.

ORTIGOZA, S. A. Guarnieri. **As possibilidades de aplicação do método de análise progressivo-regressivo de Henri Lefebvre na geografia urbana**. Scielo Books. Editora Unesp, 2010.

PADUA, R. F. de. **Produção e consumo do lugar: espaços de desindustrialização na reprodução da metrópole**. São Paulo, 2011. (Tese de Doutorado)

_____, R. F. de. **Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo**. São Paulo: FFLCH, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RONDONÓPOLIS. **Dados Gerais e Legislação Municipal**. 2011. Disponível em www.rondonopolis.mt.gov.br.

_____. **Cadastro Multifinalitário – Núcleo de Geoprocessamento**, 2015.

ROSS, J. L. S. **Análise empírica da fragilidade dos ambientes naturais e antropizados**. In: Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, n.8, p.63-74, 1993.

SANTOS. M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. - 4. ed.. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SEPLAN, 2012. **Diagnóstico Ecológico Econômico de Mato Grosso**. Disponível em <http://geoportal.seplan.mt.gov.br:8080/dsee/>

SETTE, D. M. **O Clima Urbano de Rondonópolis (MT)**. Dissertação de mestrado apresentado ao Departamento de Geografia da USP, sob a orientação do Prof. Dr. José Roberto Tarifa. Laboratório de Climatologia-USP,1996.

_____, D. M. **Os Climas do Cerrado do Centro-Oeste**. Revista Brasileira de Climatologia, Vol. 1, No 1. Dezembro – 2005.

_____, D. M. **O holorrítmo e as interações trópico extratropical na gênese do clima e as paisagens do Mato Grosso**. Tese de doutorado – F.F.L.C.H. Departamento de Geografia – USP: 2000.

_____, D. M e TARIFA, J. R. **O holorrítmo, a ritmanálise e o(s) clima(s): uma contribuição Metodológica**. Revista Geonorte, edição especial 2, v.1, n.5, p.655 – 666, 2012.

_____, D. M e TARIFA, J. R. **Clima e ambiente urbano tropical: o caso de Rondonópolis – MT**. Revista INTERGEO - Interações no Espaço Geográfico /Departamento de Geografia [do] Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS/Campus de Universitário de Rondonópolis CUR [da] Universidade Federal de Mato Grosso. – Ano 1, nº1 (2001). Cuiabá: Editora Universitária, 2001.

SOUZA,C. B. G. **A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia**. Cofins- Revista Franco Brasileira de Geografia, 2009

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 7ª Ed., 1996.

SUZUKI, J. C. **De povoado a cidade: a transição de rural ao urbano em Rondonópolis**. São Paulo, 1996. Dissertação (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo – USP.

TARIFA, J. R. **Os climas nos maciços litorâneos da Juréia-Itatins** – um ensaio de ritmanálise – tese de livre Docência – DG.FFLCH – USP. – 477p., 2002.

VOLOCHKO, D. **novos espaços e cotidiano desigual nas periferias da metrópole. 2012**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo.